

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SILVA, Gutemberg Souza da. Gutemberg Souza da Silva (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 54min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Gutemberg Souza da Silva
(depoimento, 2011)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Bernardo Buarque de Hollanda; Jimmy Medeiros; Rosana da Câmara Teixeira;

Levantamento de dados: Bernardo Borges Buarque de Hollanda;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Bernardo Borges Buarque de Hollanda;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 14/01/2011

Duração: 1h 54min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto pessoal do pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda intitulado "Torcidas organizadas: criando fontes", que tem como objetivo constituir um banco de entrevistas de história oral acerca das torcidas organizadas nos âmbitos nacional e internacional.

Temas: Arthur Antunes Coimbra (Zico); Copa do Mundo; Direito; Esportes; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Eventos e comemorações esportivas; Família; Infância; Partido dos Trabalhadores - PT; Polícia; Rio de Janeiro (cidade); Torcidas de futebol;

Sumário

Entrevista: 14/01/2011

Origens familiares; a trajetória escolar; o primeiro contato com o Botafogo; as influências familiares sobre futebol; o encontro com o Arthur Antunes Coimbra (Zico) na infância; o interesse por torcida organizada; as primeiras idas ao Maracanã; a entrada para a Torcida Folgada; a ida para a Torcida Jovem do Botafogo; os jogos do Botafogo no Estádio Caio Martins; a expansão das torcidas para a Zona Oeste e Baixada Fluminense; a mudança no estilo de vida a partir da Torcida; as reuniões da Torcida Jovem no Morisco Pasteur e no Rajah em Botafogo; as lideranças da Torcida Jovem; os símbolos da Torcida Jovem; as viagens e excursões; os rituais de “batizado” das torcidas; o trabalho no Banco Nacional; o período de atuação partidária no Partido dos Trabalhadores (PT); a torcida como algo rentável; a idealização e a concretização da Fúria Jovem do Botafogo; a Fúria Jovem do Botafogo como um marco; a criação dos símbolos da Fúria; a criação do hino de liberdade de opinião; o contato e conflitos com torcidas de outros estados; a criação do estatuto do torcedor; o interesse pela área jurídica; a saída da Zona Sul para Zona Norte; a relação das torcidas com os territórios; a época das salas das torcidas, no Maracanã; a relação com a Polícia Militar; a atuação na Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ); a relação da FTORJ com os times do Rio de Janeiro; a reforma dos estádios para a Copa do Mundo de 2014 e seus impactos; a transformação das torcidas organizadas; a mudança de perfil das torcidas; o papel político das torcidas.

Entrevista: 14/01/2011

Gutemberg, eu gostaria que você começasse contando um pouco da sua história de vida, de onde você é, quando você nasceu? Os dados biográficos...

Bom, meu nome é Gutemberg Souza da Silva. Nasci no Rio de Janeiro, no dia 26 de fevereiro de 1977, tenho trinta e três anos. Fui criado praticamente... comecei morando na Zona Sul, mas a partir dos cinco anos fui morar no centro da cidade, onde eu resido até hoje.

Seus pais, ocupação...

Meus pais... hoje eu sou advogado, o meu pai na época era porteiro, depois virou taxista. Minha mãe não trabalhava e após a separação virou empregada doméstica, ela cuida de idosos e particularmente é isso, nós sempre tivemos uma vida muito humilde mas sempre foi de muita luta. Eu não tenho o que reclamar.

Seus avós são do Rio também?

Minha família, em tese, mora toda na região sul fluminense, Três Rios, Sapucaia, Anta. Meu avô, meus tios, a família toda mora por ali.

E você foi criado na zona Sul?

Não, eu nasci na zona sul, morava na zona sul, mas a partir dos cinco anos eu fui morar no Bairro de Fátima, no centro da cidade, próximo à praça da cruz vermelha. É lá eu moro até hoje.

Então você estudou nas imediações do Bairro de Fátima mesmo

?

Fiz o primário na Escola Municipal Guatemala, no Bairro de Fátima. Fiz o ginásio na escola Municipal Deodoro, na Glória, e fiz o segundo grau no Colégio Souza Aguiar.

E a sua aproximação com o futebol começou na escola ou vem de família, ou de nenhuma das duas?

O meu pai era botafoguense, e apesar de ser pequeno eu tenho a mente bem aberta e lembro de bastante coisa. Eu lembro que ele me levou pra ver Botafogo e Flamengo, foi 6 a 0 Flamengo. Eu lembro do comentário dele –já é falecido hoje – mas eu lembro que ele falava assim - eu vou te levar porque hoje está jogando o time do meu coração, que é o Botafogo, e o maior time da época, que era o Flamengo. Aí o Botafogo tomou de 6 a 0 e eu preferi ser Botafogo, coisas que não têm lógica, né?. Aí ele me levou no jogo seguinte, não sei se foi na mesma ordem, mas o Botafogo ganhou do Vasco de 3 a 1... aí começou esse sofrimento e eu estou aí até hoje.

E você pegou gosto e entrou pro futebol nesse início dos anos 80?

Isso, aí era aquela coisa... eu até esqueci de colocar mas eu fiz o jardim de infância no Campos Salles, no Campo de Santana. E uma vez levaram o Zico, aí as crianças tinham que ir uniformizadas, ou com a camisa do Flamengo ou com a camisa da seleção brasileira... da seleção brasileira tinha eu e mais uns três, porque o time era o Flamengo. Aí a gente vai tomando gosto... E eu tenho essa coisa do contra, eu sou meio do contra, sabe? Na época que mundo odiava a esquerda eu era PT atuante. Atuei em partido político, depois que o PT se “adireitou” eu abandonei. Todo mundo torcia pra uma escola de samba, Mangueira e Portela, eu era Estácio. No carnaval as pessoas se fantasiavam de bate-bola, eu era carrasco. Sempre foi assim, todo mundo era Flamengo, eu sou Botafogo.

E aí no colégio eu era uma pessoa muito tranquila, gostava muito de estudar. No Deodoro que é uma escola de vida, você conhece todo tipo de gente, todo tipo de pessoa, entendeu? Hoje têm pessoas que estudaram lá e viraram bandidos, têm pessoas que já morreram, têm pessoas que hoje são doutores, têm pessoas que viraram donas de casa, que se prostituem, lá é uma escola... E aquela coisa de 89, você no ginásio, tá na adolescência, tem um pouco de rebeldia... eu não tinha porque eu estudava e sempre fui muito tranquilo, e se você perguntar para as pessoa que passaram por aqui e me conhecem pouco ou muito tempo, elas vão dizer que sou muito tranquilo. Mas eu sou o cara que estou aqui, mas a qualquer momento eu posso virar a situação. No trabalho, se eu tiver que me indispor com o juiz eu vou me indispor, se eu tiver... Porque eu defendo aquilo que eu acho que é o certo. Eu não tenho esse negócio de medo, só que isso era uma coisa que eu tinha dentro de mim e eu não sabia, e com o tempo eu fui levando. Eu gostava do Botafogo, já torcia e naquela época o Botafogo não ganhava nada, aí em 89 o Botafogo foi campeão carioca.

Tinham os meninos do colégio – ah, por que eu sou da Jovem do Flamengo, eu sou da... aí eu falei – por que eu não vou ser da torcida do Botafogo? Aí fui procurar sozinho como se filiar a uma torcida. Daí que começou toda uma caminhada que foi até algum tempo atrás.

Só um dado biográfico, você tem irmãos?

Eu tenho uma irmã e um irmão por parte de pai.

Então nesse início você começou a ir com seu pai, pro Maracanã, em 81 e daí você começou a ir sozinho ou com grupo?

Não, eu não ia. Porque minha mãe trabalhava e tinha uma pessoa que tomava conta de mim e eu não tinha essa liberdade, de ficar na rua. Então, eu ia com um amigo da minha mãe ou alguém me levava, aí depois apareceu um senhor que morava lá na rua que tinha uma entrada perpétua, que existia no Maracanã pra cadeira especial. Então, você pegava o bloco durante o ano e os jogos eram numerados, então você podia ir a qualquer jogo e qualquer evento que tivesse no Maracanã. Então... aí eu comecei a ir direto...86,87,88. Até o dia que eu do nada falei -vou ao jogo. Saí de casa e fui sozinho pro Maracanã... aí comecei a ir sozinho, escondido. Tomei aquelas coças mas não adiantou nada e eu continuei...

Pegou o gosto!

Depois que peguei o gosto já era...

E outras coisas que você gostava de fazer, praia, jogar bola...

È, eu gostava de jogar bola... eu gostava de estudar. Sempre gostei muito de estudar, me desgostei muito depois... No decorrer da entrevista a gente vai chegar nesse ponto. Mas eu quando era novo gostava muito de estudar, era fascinado em estudar e criar coisas, música, pensar... eu sempre gostei muito. Eu sempre gostei muito de procurar mostrar o que eu sabia fazer e tentar ser sempre o melhor. Então, minha vida era assim. Por exemplo, no colégio Guatemala, na quarta série, tinha uma cantina que os alunos tomavam conta...Ah, vamos fazer um enredo. Era eu que fazia na hora. Depois nem lembrava do que estavam falando, porque eu não anotava as coisas. Mas eu sempre gostei de ser assim. Aí depois que eu comecei a passar por essa fase de adolescência e comecei a sair sozinho, aí houve uma transformação. Aí comecei a andar em torcida organizada, comecei a frequentar baile, entendeu?

Quando eu entrei na Jovem, eu tinha um primo que era da Jovem do Flamengo, e ele pichou TJF no meu chinelo e eu nem me liguei. Nego queria me matar – ah, você é da jovem do Flamengo, aí eu era novo e tinha um preconceito porque eu morava no Flamengo, então o centro era uma área da TJF, no final dos anos 80 e início dos 90. Por que torcida organizada não era qualquer um que entrava, demorou um ano pra ter uma camisa, mandava fazer, mandava fazer o bordado. Hoje em dia é muito comercial, tem empresa, você manda fazer e a empresa vende. É até bonito você ganhar a camisa de uma torcida, antigamente não. Era um grupo muito fechado, então pra você adentrar naquele grupo, ou tinha que ser conhecido de alguém ou morava no bairro e as pessoas te conheciam ou você era infiltrado. Aí tinha aquela coisa do X9, que foi como eu entrei. Meu apelido Kunta é justamente por causa disso, por que tinha o Kunta que era amigo do Zé Maria que morava no Leblon e quando eu era novo eu parecia com ele. Aí o João Alexandre, o Cazuzza, falou – aí, meu irmão, tu é alemão, parece com o Kunta e tudo. Aí ficou Kunta, Kunta, Kunta, Kunta e pegou. Tomei até do outro, porque hoje eu sou mais importante que ele.

E quando você entrou na Jovem o que se sabia sobre a torcida, sobre o passado da torcida?

Na verdade eu não entrei na Jovem, eu entrei na Folgada. Então, eu era Botafogo e não entrei na torcida pra brigar, pra procurar galera. Eu não era drogado, não era viciado, não era nada... eu só gostava do Botafogo e tem que procurar quem era Botafogo. Então, a imagem da época era o Russão... então, Botafogo e América em 89 eu fui, cheguei lá e falei –pô cara, eu queria participar da torcida aí. Aí ele –pô, então ajuda a pegar uns bambus. Aí eu fui, no primeiro jogo consegui passar por debaixo da roleta, sabe...aquilo foi uma alegria. O jogo era quatro horas da tarde no Maracanã, eu cheguei em casa às seis e minha mãe não desconfiou de nada, que eu tinha ido ao jogo. Aí comecei a ir, Niterói, aí você começa a fazer amizade, começa a gostar. Aí teve a primeira confusão e eu já fui junto, mesmo estando na Folgada que era uma torcida que não ditava briga. Aí você já começa a incomodar aquelas pessoas que não querem aquela coisa. Então eles chegaram e falaram – meu filho, vai pra Jovem. Vai pra Jovem, pelo amor de Deus.

O próprio Russão falou isso?

É, vai pra Jovem. Hoje eu fiquei sabendo que ele perdeu a perna, mas é um cara que eu tenho um respeito... ele me vê na rua e a gente troca várias ideias. Aí eu fui pra Jovem.

Cheguei na Jovem com essa desconfiança, aí eu não ia largar... ou eu largava ou mostrava pra todo mundo que não era.

Isso foi em que época, no final dos anos 80.

90. Na Jovem eu entrei no dia... não lembro... comecei a ir pra estádio em 89, só não lembro se foi no primeiro ou segundo semestre. Mas logo depois eu entrei pra jovem.

Você teve uma breve passagem pela Folgada e aí já...

Jovem. De lá eu vim direto.

A final do campeonato de 89 você estava?

Não, eu não fui porque era quarta-feira a noite. Eu não tive como fugir e nessa época eu era voluntário da cruz vermelha. Tanto que eu estava até falando, se eu não tivesse tanto compromisso, eu tinha até ido pra Teresópolis ajudar. Eu era voluntário, tinha 12 ou 13 anos e aí a gente tinha alguma atividade e fui pra casa, mas eu também não podia sair assim, né. Era muito novo. Aí eu não vi... o primeiro jogo eu vi, só não vi o segundo quando o Botafogo foi campeão. Na verdade, só vi o Botafogo campeão em 1997, no Estádio. Porque eu nunca consegui ir em uma final. Sempre tinha algum problema.

E você fez referência a Niterói porque nessa época o estádio era o Caio Marthins...

Isso, o Botafogo jogava muito lá.

Então, 89 e 90 você entrou pra Jovem e já tinha aquela imagem...

Não, a Jovem é aquela coisa... quando você estava de fora, você não via. Você via a Folgada, que é a torcida que aparecia. Mas quando você entra pro universo, você vê que têm várias. Tinha a Força Independente, a Mancha, que eram torcidas também jovens, tipo essas jovens. Mas não era igual a Jovem. A Jovem era aquela galera de maluco, os caras que tocavam o terror, iam onde tivesse que ir – ah, o Flamengo veio aqui no Morisco num jogo de Basquete, no outro jogo a gente ia na Gávea. Era mais ou menos assim – quantos têm pra ir? Tem quinze, então vamos embora, vamos botar a faixa. Não tem carro, então bota dentro do ônibus. A faixa e a bandeira tem que chegar no estádio, tem que chegar. Tem briga? Tem! Porque aí tinha droga, porque na época era mais concentrada na zona sul, né? Depois com o crescimento, a Zona Sul se afastou porque a juventude hoje já não tem mais grupos organizados, eu tô falando aqui nessa região. É mais difícil, antigamente tinha grupo de pichador, galera de baile, aí acabou. Isso passou pra onde? Baixada e Zona Oeste. Você vê que os grandes núcleos de torcida organizada são onde: Baixada e Zona Oeste. Zona Sul não tem mais aquela coisa de... tem, mais é muito pouco.

O grosso mesmo tá lá.

Tá lá pra cima. E naquela época não... era uma galera de Botafogo, mais uma galera de Copacabana, entendeu. Era muito oprimido por ue sempre só dá Flamengo, então a gente tinha aquela coisa da opressão. Era muito maneiro, era muito legal você viver aquilo. E você fazia amizades, tanto que hoje, assim... eu não tenho muitos amigos, mas se a gente se encontrar e papo de ficar cinco horas conversando entendeu, falando do que a gente fazia quando era novo. Era mais ou menos assim que funcionava, era como um vício, como se fosse uma droga. Você começa a pegar gosto que você não consegue mais parar de pensar, você só sabe falar disso. Aí tu anda na rua e fica cantando e vai embora. Passa um cara com a camisa do Flamengo, tu já encara de cara feia, já fica aquela coisa viciosa na cabeça. É um vício. Eu costumo dizer que é como uma religião. É como se fosse a igreja evangélica, não tô falando da igreja evangélica como... em respeito até a igreja evangélica, mas é que a igreja evangélica faz aquela coisa do fanatismo. Qualquer religião, mas a igreja evangélica promove mais o fanatismo do ser humano. Então, o ser humano não pensa, aí ele demora uns cinco ou seis anos dentro da religião até ele entrar numa realidade e vê que nem tudo é como o pastor fala. Ele continua evangélico mas não tão fanático. É mais ou menos como acontece em torcida organizada. O cara entra e é aquele fanatismo, aí na época não tinha camisa, tu fica louco porque o cara tem uma camisa e tu não tem. Aí chega a sua, você bota, tem uma viagem... é muito engraçado, mas eu não tenho do que me arrepender disso aí.

Mais mudou a sua vida, né? Essa entrada pra torcida gerou uma modificação de estilo?

Totalmente, totalmente. Eu já me tornei uma pessoa rebelde, já me tornei uma pessoa insensata... eu não era mais sensato. Minas atitudes eram totalmente... Me tornei uma pessoa até certo ponto grosseira. Não como espírito de vida, mas aquele estilo de violência era normal. Pegar uma pedra e jogar no ônibus. Não é que eu faria isso, não é que eu desrespeitasse minha mãe, mas pegar uma pedra e jogar no ônibus pra mim era normal.

Uma vez, Botafogo e Flamengo, minha mãe disse – você não vai ao jogo. Eu peguei a maceta, um instrumento pra bater no surdo, e dei uma porrada no interruptor e destruí. Aí minha mãe falou – você quer ir, então vai... é contigo mesmo. E fui, hoje em dia... pô, se eu soubesse não tinha ido. Você tá entendendo?

Então, são coisas que você... mas a cultura, isso é cultura dos anos 80 e 90. Hoje em dia não acontece mais dessa forma. Nos anos 80 e 90 era assim.

Já tinha esse ponto do Rajah em Botafogo?

Não, na época que eu entrei não tinha. A gente se reunia no Morisco Pasteur, que hoje é o prédio da Vivo. Aí a galera se reunia ali todo dia no clube. O Rajah surgiu a partir do momento que... Ele já tinha componentes que eram da torcida, mas aí entrou essa coisa do baile e começou a motivar aquela galera do bairro a parar no Rajah. E essa galera do bairro era da torcida, então automaticamente ali virou um ponto da galera do Botafogo e da Torcida Jovem do Botafogo. Ajudado quando terminou o Morisco Mar. Aí todo mundo parava ali e era um ponto da galera. O Rajah virou ponto da galera ali, que na verdade, a maioria das pessoas não moravam no Rajah. Mas paravam no Rajah.

O Nói conta que ele vinha pro Rajah... ele saía de Inhaúma, ia pro Rajah pra ir pro Maracanã. Que é aquela coisa de se reagrupar ali pra ir...

É, até o Gustavo veio mais recente. Recente assim, 94. Eu tô falando de 92,91... porque as coisas aconteciam muito rápidas, você esta entendendo? Tinha um componente do Rajah –Ah, vamos pintar a caveira aqui, vamos botar a caveira da Jovem aqui dos dois lados. E aquilo ali que foi o bum.

Já tinha esse símbolo...

Porque o que acontece? Ser Flamengo é fácil. Todo mundo é Flamengo... agora quando começa a expor a Torcida Jovem do Botafogo, porque a Torcida Jovem do Botafogo era conhecida como a galera que era pouca gente mas que encarava todo mundo. Não tinha aquela coisa, podia bater, apanhar mas não tinha medo. Não era multidão igual ao Vasco e Flamengo, mas era respeitada por isso. Aí ela começa a botar a cara pro mundo. Aí você expõe na Zona Sul duas caveiras gigantes que era o símbolo da torcida, Rajah – o terror de vocês. Aí você começa a puxar adeptos.

Durante muito tempo um dos líderes da TJB era o Fernando Mesquita.

Advogado.

Nessa época...

Quando eu entrei o Fernando Mesquita estava parando, estava indo pra Petrópolis. O Presidente era o Baloeiro.

E lideranças anteriores, você lembra? A Torcida Jovem segundo se conta foi criada em 69...

Em 69, aí em 80 houve uma fusão de várias torcidas pequenas, que tinham cinco componentes... vamos juntar todo mundo, todo mundo é jovem. E aí houve essa junção, Águias alvinegras, Copa-fogo, Jovem Unifogo, entendeu? Essa galera hoje tá tudo com 45, 50 anos.

O André Barros, né.?

O André Barros, o Petu, Luciano, o Peter que é o Mendonça fotografo. Vinícius, que é presidente do sindicato dos bancários. Tem muita gente. O Marcus Portela. Essa galera que era o início dos anos 80.

E era um pessoal mais da Zona Sul?

Todos da zona Sul. Centro, Tijuca, mas a maioria da zona sul.

E esses dois símbolos, a caveira e o cachorro. Quando você entrou já tinha?

A caveira já tinha e o cachorro é por causa da cachorrada, né? Por causa do Carlito Rocha. A caveira já tinha e ela foi aperfeiçoando a partir do tempo. Ela foi melhorando, mas ainda continua feia. Foi melhorando o design dela.

E quando foi sua primeira viagem? Quando começou a participar das excursões?

Pô, foi uma coça também que eu tomei nesse dia. Botafogo e Santos na Vila Belmiro. O Botafogo ganhou o jogo de um a zero, gol do Paulinhos Criciúma. E aí nós fomos roubados, perdemos... E nós iríamos participar da final contra o Vasco da Gama no Brasileiro de 89. E o São Paulo fez um gol aos 36 minutos, o goleiro entregou... o cara chutou a bola lá do meio de campo e o goleiro soltou a bola dentro do gol. São Paulo e Portuguesa. Aí o Botafogo foi eliminado, mas ganhou do Santos, na Vila.

Mas eu estava vindo do centro pra casa da minha tia que morava no Tabajara. E eu estava com esse meu primo que era da torcida do flamengo, aí eu falei –acho que vai ter viagem hoje, vou lá ver. Nessa que eu fui lá ver, eu já estava dentro do ônibus, quando eu vi já estava na Dutra e aí quando eu me liguei na merda que eu tinha feito eu já estava na primeira parada em Jacareí. E não tinha celular. E agora? Vamos curtir... viajei. Na volta minha mãe já tinha ido no IML, na delegacia, no juizado de menores, na Funabem... Aí quando ela me viu, tinha uma tia minha, eu tenho o costume de chamar as pessoas intimas de tia, mas não são tias. Aí ela disse – você não vai bater no menino, eu vou em casa e se você bater no menino eu vou brigar com você. Quando ela virou eu tomei uma coça... mas tão grande, tão grande, tão grande que eu acho que lembro da dor até hoje. Mas não adiantou nada não. Continuei indo, indo...

Já tinha o ritual do batizado?

Tinha, tinha... fui batizado nessa viagem.

Antes ou depois?

Na ida.

E depois de novo!

É eu fui batizado umas cinco viagens seguidas. Isso era normal... Porque eu era o X9. Eu era o Kunta do Leblon que estava lá espionando. Aí com o tempo eu tive que começar a mostrar. Não vou ficar apanhando pros outros. Tipo – ah, vamos brigar com os caras ali, você ia na frente. E você começa a mudar. E aí você começa a mostrar que você tem liderança. E aí você começa a formar opinião, e quando você começa a formar opinião você já é. E aí em menos de dois anos eu já era conhecido dentro e fora da torcida, sendo respeitado. Hoje as pessoas me veem – ah, tu era X9. Mas com o tempo você tem que demonstrar tudo isso, se não você não participava.

E você começou a ocupar cargos então? Existiam cargos?

Existia, você podia... Aí eu comecei a fazer carteirinhas. A fazer inscrição... aí eu falava –meu irmão, isso aqui tem que melhorar, não pode ter uma numeração dessa. Vamos zerar, vamos cortar a numeração... do 1499 vamos pular pra 5000, um exemplo. Por quê? Porra meu irmão, todo mundo mostra a carteirinha com o número.. pô você vai mostrar com mil. É a nossa realidade, mas às vezes você tem que fugir da realidade. Porque o cara vai mostrar pro cara lá – eu sou da Jovem do Botafogo, aí o cara da Raça mostra com alguns milhões. Eu não tenho dois milhões, mas aí você começa... você tá no meio de ogros, apesar dos caras serem todos estudados. Essa primeira galera que eu falei. Mas a segunda fase... dos anos 80 eu sou a última geração, e a galera não tinha essa visão ainda. Então, às vezes se você conseguisse mostrar alguma coisa você começa a chamar a atenção. Você está entendendo? E aí foi isso, eu comecei a fazer carteirinha. Mudamos esse negócio da numeração. Aí as fichas foram lá pra casa, eu sabia de todos. Só que depois eu fui e entreguei... foi o único cargo assim que eu tive dentro da torcida, da Jovem e da Fúria.

E é uma coisa que eu digo pra eles – o medo do meu crescimento, de tirar vocês e fazer as coisas do jeito que tem que ser feita, fazia com que eles me respeitassem mas não me queriam perto. Isso acontece até hoje. Porque eles sabem que se eu chegar, é por que alguma coisa tá errada e eu vou mudar. Eu tenho esse dom, graças a Deus, entendeu. Então, era isso. Eu não tinha cargo na Jovem, na verdade a gente participava. Trabalhei

na sede, que foi o memento final, na minha saída da torcida. A sede era ali, no Morisco Mar. Aí eu via as pessoas...

Dentro do clube tinha uma sala?

Isso. Dentro do Morisco Mar. Eu via as pessoas ganhando muito dinheiro, e eu com uma filha na época morando em Três Rios, passando por uma situação complicada e ganhando R\$150. Às vezes pra ganhar mais um dinheiro eu tinha que desfalcocar uma camisa e no final você é colocado como ladrão. E o cara milionário do seu lado. Eu falei – meu irmão, isso não dá pra mim não. Aí eu abandonei. Abandonei, fui embora, e depois voltei pra fazer a Fúria.

Isso já no final dos anos 90, início dos anos 2000.

2000.

Mas nesse período que você começa a aderir mais, participar mais efetivamente na torcida coincide quando você terminou o segundo grau?

Não, eu estava começando o segundo grau. Estava saindo do ginásio, estava saindo do Deodoro e indo pro Amaro Cavalcante. Só que quando você começa é o vício, e ali no Flamengo eu não estudei no colégio. E parei de estudar de 90 a 93, voltando pra completar o segundo grau em 95. 93,94,95.

Então, entre 90 e 93 você trabalhava?

Eu trabalhei no Banco Nacional. Aí fui mandado embora do Banco Nacional na época que teve a transição, aí comecei a me envolver com sindicato, partido político. Aí eu era menor, mas a gente fazia colagem, fazia piquete na porta de banco. Fazia pequenos biscates. Na verdade a gente era muito moleque, então não tinha essa necessidade de dinheiro. Dinheiro era o dinheiro do baile. A gente queria 10 contos pra ir pro baile. Graças a Deus eu nunca tive vício, de usar droga. Fumei maconha, mas chegou uma hora que eu falei – ah, meu irmão, entre fumar maconha e beber eu prefiro beber. E aboli... nunca usei cocaína, não tinha vício de roubo, de furto, essas coisas. Meu negócio era estar na bagunça, eu gostava de estar ali, junto, participando de todos os jeitos. Se tivesse que brigar eu estava junto. Se for entrar a gente vai ficar aqui mais do que os outros dois...

Então você teve um pequeno período de atuação partidária, pelo PT?

Na época que o PT era o PT. Então, eu ainda sou muito respeitado hoje. Eu era aquele que fazia o lado sujo das coisas. Eu vestia a camisa. Eu não era daqueles que falam – leva o papel e vota lá, mas leva mais cinco pra jogar fora. Eu fazia a proposta política da pessoa, debatia, fazia a discussão. Isso desde cedo. Então, você

começa a participar de movimento sindical. Depois que eu fiquei maior de idade eu comecei a participar de eleição sindical... e aí dentro do movimento sindical você tem o conhecimento, então é aproveitado pra ser usado em eleições. Aí você começa a viver disso, cara. Mas só que é uma coisa que você não consegue crescer. Foi o que eu falei, eu vou ficar a vida toda fazendo isso? A vida toda trabalhando de segurança em boate... Vou ficar a vida toda fazendo isso.? O que eu vou dar pra minha filha? A vida toda a torcida...

Você já tinha filho?

Minha filha nasceu em 97. A Suzana em 97 e hoje ela mora comigo, tem 13 anos. E eu falei –tenho que dar o melhor pra ela. Eu não podia ficar nessa situação. Tanto quando a Fúria foi criada... ela foi criada... com os outros eu não me interessava, com aquela galera da Fundação eu não falo com muita gente. E muita gente ali perdeu o meu respeito. Por quê? É um defeito que eu tenho, e eu acho que até os 80 anos eu devo melhorar isso. Por eu ser muito sincero, as pessoas aproveitam da sua sinceridade – vai você na frente e destrói, que eu venho atrás só catando os louros. E era mais ou menos como era feito. Por exemplo, quando eu era novo... tem que fazer isso, eu bebia, bebia, aquilo me deixava louco, podia vir bala, polícia, exército, carro bomba porque eu não ia parar. Então, as pessoas aproveitavam desse meu lado. Tipo – Ah, tem que falar com o presidente do clube, mas tem que ser de outra forma. Era eu que ia, porque eu ia botar a cara e ia fazer.

Então, chegou uma hora que eu falei – não dá. Aí eu falei – Eu vou me vingar. Nessa época os presidentes de torcida... hoje em dia os dois me pediram desculpas, porque na época eles falharam comigo. Porque foi um jogo muito sujo a fundação da Fúria, o racha. Eles falharam comigo. Por quê? Tinham pessoas que eram coladas com eles. Eles tinham um grupo fechado. Só que o negócio cresceu, então tinham que abrir pra mais pessoas... aí eu entrei, comecei a trabalhar ne? Sede. Tinha que ter uma sede. Só que eu era um cara que não era baba ovo, puxa saco, e eu não aceitava levar desaforo pra casa. Então, eu não era importante no jogo. Eu era importante pra tá ali, mas não era importante para estar junto. E essas pessoas fecharam, pegaram a manha da coisa e participar da coisa. E eu era o que prejudicava eles, porque eu era do contra e era do povo e o povo gostava de mim. Porque eu brigava, falava besteira, jogava na cara o que tinha que falar, não tinha tempo ruim. Mas as pessoas sempre gostaram de mim por causa das minhas atitudes. Você pode ver... não sei qual foi o comentário que eles falaram aí, mas você pode perguntar a todos aqueles que vieram aqui, eles vão falar a mesma coisa de mim. Ah, um vai falar – ele é chato, cheio de marra, é abusado, mas a minha atitude como homem é a mesma. E o que eles fizeram?. Um deles ficou responsável por tomar conta de mim. Só que eu ganhava R\$ 150 na época. E como eu vou sustentar uma criança com R\$150 e o cara ganhando 30mil por jogo?.

A torcida começou a dar dinheiro?

Muito. Em 2000 já dava muito. A torcida começou a ganhar dinheiro quando começaram a ver que aquilo ali era rentável.

Através de venda de ingresso, camisa...

Venda de ingresso, venda de camisa, patrocínio de empresas. Você pode expor a marca, essa foto aqui não tem. Por exemplo, tinha um bandeirão da Seven Up que abriam no Maracanã. Quanto que eles não têm que pagar de Marketing pro Maracanã? Só que a gente não enxerga isso quando você está no meio. Você não vê isso... Tu diz – eu sou da Jovem, mas tá com um negócio da Seven Up nas costas. Alguém tá ganhando aquilo ali. Aí começaram a ver que aquilo dava dinheiro. E eu desviava, porque era a única forma de eu conseguir dinheiro, era a única forma que eu tinha de alcançar dinheiro. A única forma era daquela forma. Essa pessoa foi – meu irmão tem que tirar o cara, tem que tirar o cara, e me tiraram. Aí eu fui pra Três Rios. Fui morar com minha ex-esposa e com minha filha. Mas eu não tinha emprego, aí eu descia porque tinha um amigo meu que tinha franquias de lanchonete de fastfood do Bobs no Terra Encantada. Aí ele me dava – toma aqui vinte ingressos, vende pra você, então faz a segurança aqui e tu ganha R\$50, ajudava um a ir embora pra casa. Com aquilo ali eu comprava arroz e feijão. Foi o pior momento da minha vida. E tudo por causa deles... e os caras enriquecendo, enriquecendo, enriquecendo e eu lá procurando emprego pra cortar carne, ser faqueiro, capinar. Aí esse cara virou pra mim e falou – cara, porque a gente não monta uma torcida pra gente e acaba com eles? Eu falei – cara, eu posso até fazer, mas eu não quero mais isso pra minha vida. E ele falou – mas vai dar certo. Aí quando ele falou, eu comecei a pensar. Se a gente pegar um daqui, um dali, aquele cara ali... mais aquele não vai fechar... Mas a torcida tem que ter recurso pra sobreviver. Você tem até o dinheiro pra investir, mas o resto. Aí foi a jogada de mestre... fomos tirar esses dois que me sacanearam do lado deles. Porque eles vão se vender. E eles sabem qual é o caminho dentro do Botafogo pra eles chegarem ao topo. E foi o que eu fiz, quando foi fundada a torcida, antes de fundar – o presidente vai ser o Kunta. Eu falei – não, eu não quero ser presidente, eu quero estudar. Eu não quero saber de torcida, eu não quero nada de vocês.

O nascimento da sua filha deve ter...

Não, não foi o nascimento da minha filha. Foi porque depois que aconteceu esse negócio da Jovem e que eu vim pra cá e comecei a ver o negócio da Fúria, minha filha foi embora com a mãe dela pro Espírito Santo. Por isso que ela voltou a morar comigo agora. Então, chegou ao ápice da merda que eu estava fazendo... tinha 25 anos, não tinha expectativa de vida nenhuma. Quando eu fiz trinta anos eu chorava igual a criança. Aí

vem aquela coisa do revanchismo, mas eu vou personhar a vida desses caras. Aí eu falei – Marcelo, tu me ajuda? Ele disse – ajudo.

Aí eu vim pro Rio, comecei a falar com as pessoas, criamos o movimento e quando eles viram já estavam engolidos. Acabamos com eles em menos de três meses. Foi o maior fenômeno de torcida organizada que existe, porque foi tudo planejado. E o golpe de mestre foi quando nós tiramos esses dois que me sacanearam do lado deles. Como pra mim importava a vingança, eu não queria saber de dinheiro e de cargo. Eu dou a minha presidência pra vocês e vocês podem ficar com a torcida pra vocês. Só que eles mesmos se enrolaram nessa coisa e foram praticamente expulsos. Você vê que a vida é complicada. E aí quem voltou pra poder tirar eles? Eu. E entreguei na mão do Nói. O Nói já teve um problema de administração e vai perder, a mesma coisa. Funciona assim.

Vem um mais forte e engole?

Eu vim na época... ele disse – eu tenho dois anos. Eu falei – meu irmão, tá na hora de tu arrumar um emprego. Vai procurar um trabalho, bicho. Tu quer viver de torcida a vida toda?! Vai arrumar um emprego, vai viver a sua vida, cara. Ele disse – pô, mas você não podia ter falado isso. Não, Por quê? Eu trabalho, por que tu não pode trabalhar? Vai viver de torcida, de amor dos outros pro resto da vida? Então, é mais ou menos assim que funciona a coisa, entendeu?

Então, é por isso que eu estou te falando. Eu sou visto como o anjo que ninguém quer perto. Mas também não pode ficar muito longe, porque eu sou formador de opinião. Então, se você aparecer numa foto comigo abraçado é porque eu estava lá sendo favorável. Mas tem coisa que o pessoal faz e não chama, porque sabe que eu não vou fechar com eles.

É na história das torcidas a Fúria parece ter sido um marco, porque até então todas as dissidências não vingavam. Elas ficavam ali, tal... no Vasco teve a Mancha negra. E a Fúria foi uma que veio como dissidência e fez frente a uma hegemonia que ninguém acreditava que seria possível de...

As pessoas chegavam pra mim e falavam – vem cá, tu é maluco. Por quê? Os caras vão te matar, bicho! Vocês estão acabando com o império dos outros, de dinheiro. Que vai matar nada... mas eu ouvia um barulho no portão lá em Três Rios, eu saía com a faca na mão – o que tá acontecendo?

Chegou a ter ameaça? Por telefone?

Várias, várias. Eu falei, pode ameaçar, pode matar a vontade. Se eu tivesse medo de ameaça eu não saía de casa, eu não morava no centro, na região da sede do Flamengo. Eu consegui transformar o bairro onde eu

moro hoje em bairro de botafoguense. Antigamente só tinha eu de torcedor do Botafogo lá, e todo mundo era da Jovem do Flamengo. Então, essas coisas de ameaça... Claro, eu não cutuco a onça com vara curta, mas eu não deixo de cutucar ela. Se tiver que cutucar, eu cutuco e pulo pra cima da árvore.

Isso você estava em Três Rios? Você articulou de lá?

Eu articulava de lá. Eu só vinha aqui, fazia o que tinha que fazer e voltava.

Mas eram dois?

Não. Começaram eu, o Marcelo, e um amigo meu, o Murilo que mora hoje em Belo Horizonte. Só que o Murilo era meio doido. O Marcelo era o cara que tinha um dinheiro e eu era o cara que pensava. Então, eu articulei com todas as pessoas, eu ligava, falava. Os caras – pô Kunta, os caras falaram que você estava roubando -. Eu – pegava mesmo cara, eu ganhava R\$ 150 e os caras milionários. Aí você começa a fazer... meu irmão, vamos fazer um movimento só nosso, onde a gente possa trazer nossas amizades de novo. Porque naquela época, em 2000, ela era muito comercial já. As amizades, aquela coisa que fazia a pessoa ir pra torcida tinha acabado. E a Fúria quando começou, ela voltou com essa ideia. Por isso que ela foi o bum. Ela veio pra destruir. Ela tomou o espaço e em menos de um ano ela se tornou, por que houve um problema na torcida do Vasco e as torcidas do Flamengo sempre com os problemas delas, a mais importante do Rio em 2001 e 2002, até 2003. Que foi quando começou a politicagem dessa rapaziada que veio da Jovem, que a gente entregou. Aí o Marcelo veio como candidato a vereador – pô, eu quero ser vereador. E aí a torcida não apoiou ele. Ele veio, falou tô a fim de vir como vereador, eu falei –meu irmão, já que é pra vir como vereador eu tô com você. Eu fecho com você. Só que eu era o problema de tudo, por ue eu não ia deixar nego ganhar dinheiro do cara em artimanhas. Então, o que as lideranças da torcida fizeram? Não apoiaram. Não que ele iria ganhar ou iria perder, mas ele foi o fundador da torcida. Tinha que ter uma gratidão. O cara pagava comida pros outros, na época. Porque nego abriu mão de vida, de trabalho pra fundar a Fúria. Então, o cara ajudava com alimentação. E as pessoas não foram dignas disso. Não porque tinha que fazer o cargo político... mas o cara é maluco, ele quer ser candidato a vereador. Ele nem partido tinha... falei – então, vamos pro PT. Voltei pro PT. Vou botar ele lá, aí conversa com um, conversa com outro e conseguimos uma legenda pra ele. Cara, é difícil ganhar eleição –pô mas eu quero tentar. Se ele quer tentar vamos tentar ajudar o sonho do maluco. Porque o sonho do maluco pode dar certo pra todo mundo. Mas não, as pessoas viraram as costas. Ali foi um marco da destruição nossa... Aí eu já estava estudando e também não queria saber mais disso.

O nome da torcida Fúria, como foi escolhido símbolo?

Foi o seguinte, a gente sentado no bar e pensando. Qual vai ser o nome da torcida? Comandos Alvi-Negros. Comandos Alvi-Negros não vai dar certo por que de repente os caras entram na área do comando vermelho, terceiro comando, vai dar problema. Corta isso.

Pô amigo, a gente é Jovem... a gente não vai deixar de ser TJB nunca, vários componentes tinham tatuagem... pô, a gente não vai deixar de ser TJB. A gente tem que ser Jovem, só que a gente é da Fúria da Jovem. A gente não aceita o que a Jovem do Botafogo é hoje. Então, eles vão ter que engolir o nosso nome, tem que ter Jovem. E aí pensando –pronto, Fúria. Mas não é fúria porque nós somos furiosos. Nós éramos furiosos com as atitudes que a Jovem tomava naquele momento. E aí nós fechamos isso. O símbolo é o triângulo, que foi tirado do símbolo dos Grace. O irmão do Marcelo, o Marcio, treinava e tinha um triangulo aqui. Aí a Gaviões da Fiel tinha “Lealdade, humildade e procedimento”. Aí a gente teve atitude, a gente tem nosso respeito e tem que seguir uma ética. Ou seja, uma nova era... aí eu comecei a pensar em era, nova era... A nova era, ética, atitude e respeito... aí foi. Aí vai criando uma coisa em cima da outra, a Fúria era a nova era.

E depois vocês fizeram um hino da liberdade de opinião?

Da liberdade de opinião. Foi o primo do Naval que fez esse grito de guerra. Aí fizemos o triangulo, fizemos o escudo. Fomos a São Paulo, fizemos as primeiras camisas, com o revendedor da Gaviões da Fiel. É um monte de cachorrinho. Nego falava – vamos botar um pitbull sinistrão. Eu falava – gente, a gente tem que atrair criança também. Vamos botar aquele babaca do cara do Tom e Jerry, é ele que é o símbolo da torcida. Ele é o símbolo da torcida, esqueci o nome dela agora... bulldog, né... aquela coisa. Só que a camisa ficou com muito cachorrinho, aí nego – pô meu irmão. Aí nós tiramos os cachorrinhos da manga, ficou só o central junto com o escudo do Botafogo, preto... Nego queria – ah, vamos botar nossa camisa listrada. Eu falei – gente, tem que ser preto. Por quê? Pois quando você olha a distância, se você vê trinta pessoas vindo, você acha que tem trezentos.

E a TJB já era branco. Então, um contraste.

Isso. Vamos ser todo preto.

Até como a Gaviões era.

A gente tinha... O que acontece... o Roberto, presidente da Jovem do Botafogo na época, firmou um início de papo com a Gaviões, só que houve um incidente em Santos. Que a torcida do Santos metralhou a Torcida do Botafogo e ficaram quatro feridos.

Na final do campeonato brasileiro?

Não, isso foi num jogo em 99.

E a Torcida do Santos era a aliada do Botafogo.

Era aliada do Santos, só que era do Vasco também. Aí quer dizer...

Que era inimiga do Santos?

Que era inimiga do Santos por causa de um evento que aconteceu em São Januário. E naquele dia tinha gente nossa também, no Vasco. Eu era um que estava, só que eu estava em São Paulo, porque o Botafogo jogou em São Paulo, contra o São Paulo, naquela data, no sábado anterior. E domingo era Vasco e Santos. Nós fomos pra sede da Jovem do Santos, teve churrasco. Aí aquela coisa, vou ficar pra ir amanhã. Eu falei – não, eu vou embora pra casa. Teve alguns que ficaram e estavam naquele massacre da torcida do Santos em São Januário. Então o pessoal do Santos gostava da gente mas tinha uma galera que... Aí os caras foram, ligaram pra sede. Eu trabalhava na sede, os caras – Kunta, cuidado quando vocês vierem aqui, os caras vão dar tiros em vocês.

Aí, quando nós saímos de Santos, metralharam o ônibus. A van que fazia escolta foi embora. Quem ficou lá como mártir foi eu. Que eu tive que organizar todo mundo, um desespero dentro do posto. Aí eu tive que chamar a responsabilidade pra mim – criança no canto, velho junto com criança, mulher também... homem tudo aqui... isso num pânico geral. E aí eu falei – e agora, quem vai nos socorrer? Não tinha chapolin colorado. A gente estava no meio da estrada e eu lembrei do papo com a gaviões. Meu irmão, se os caras querem ser amigos, amigo é na hora que você precisa. Liguei pros caras – Alô, tudo bom? Aconteceu isso... a gente foi baleado. Aí o maluco – estamos indo pra aí! Eu falei – faz o seguinte, amanhã eu tô em São Paulo, vocês dão uma força pra gente. Ele falou – sim.

Aí os feridos foram pra Santa Casa, em Santos. O ônibus foi liberado. Chegando aqui no Rio eu descasquei geral, querendo brigar com todo mundo, por que os caras abandonaram. Como você vai abandonar... se você é líder no dinheiro, você tem que ser líder em tudo... e os caras abandonaram. Eles tinham que estar lá. Eu falei – tem quatro feridos em São Paulo, quem é que vai voltar pra buscar os caras? Eu falei – me dá o dinheiro que eu vou, pode pagar minha passagem que eu vou pra São Paulo. Mas eu já tinha feito a ponte.

Com a Gaviões...

E aí eu fui pra São Paulo. Os caras botaram um carro à disposição e fomos pra Santos, peguei os caras que foram liberados, botei no avião, trouxe no Rio e voltei pra São Paulo de novo porque ficou um lá em Santos.

O Leandro tomou um tiro no joelho e estava com mais dificuldade. Os caras botaram um cara pra andar comigo, ligaram pra um cara que é liderança deles, o Pancho.

Que está agora.

Não, esse é o Panchinho. É o Panchão... que eles dizem que são os três gordões deles lá, o Panchão, o Metalheiro e o Jamelão. Eram os três que faziam as merdas. Mas o Panchão está aposentado. Aí me botaram na casa do Panchão, lá em Santos. Aí fiz amizade com o cara, tanto que o cara hoje é meu amigo.

Os caras deram toda infraestrutura que você precisava. Quando eu cheguei aqui eu falei – meu irmão, não tem condições de brigar com os caras. Aí eu fui um dos primeiros que fizeram esse elo com eles. E aí, a Fúria quando fundou, eu fui lá – me empresta o estatuto de vocês, porque eu não sabia que era só ir na RCPJ e pedir, eu não tinha esse conhecimento. Peguei o estatuto, estudei... montamos um estatuto falho mas era uma coisa que tinha uma lei. Como a gente faz isso, como a gente faz aquilo... Fiquei uns três dias só aprendendo e ouvindo. Aí quando chegou aqui a gente começou a implantar e acabou, foi embora.

E esse seu interesse pela área jurídica, já tinha?

Eu não gosto de acordar cedo, não gosto de pegar peso, não gosto de ficar fazendo muito esforço. Então, quando foi em 2000, eu falei – gente eu tenho que estudar... o que eu vou fazer? Contabilidade! Mas eu odeio matemática. O que eu vou fazer, cara? Acho que eu vou ser advogado. Porque eu sempre tive, mas hoje eu sei o que é, a retórica. Mas na época eu não sabia o que era retórica. Mas eu sempre tive a retórica junto comigo. E aí eu falei – meu irmão, vou cair dentro. Aí comecei a estudar e tô aí hoje, trabalhando nisso.

Mas coincidiu com essa época do estatuto?

Foi, da Fúria. Por que eu só fundei a Fúria pra me vingar do que eles fizeram comigo e com outros. Eu não queria dinheiro, eu queria estudar. Nego falava – pô, você que tinha que ser o presidente. Eu não quero saber de torcida, torcida é um lugar pra encontrar os meus amigos. Pra quando eu for ao jogo, ter um lugar pra parar – olha os meus amigos ali, eu vou tomar cerveja com eles, a gente vai cantar, vamos dançar, brincar, só isso. Pra mim, ela é só isso. Não diria que se eu fosse presidente, eu não iria auferir lucro, vantagens... claro que sim, mas eu não consigo ver dessa forma. Você está entendendo?

Entre a idealização e a concretização da Fúria, em que momento você percebeu que ela acontece mesmo? Aconteceu pra sociedade, pro estádio, inclusive em termos de visibilidade. Quando se

transforma em uma torcida importante no Botafogo, aguerrida, temida. Até por que no início ela fica no corner e depois ela vai pra atrás do gol, onde é o território da TJB.

Bom, o momento que me marcou muito foi o seguinte... esse negócio de torcida você vai muito pelo rival. Se você é xingado pelo seu rival isso quer dizer que você incomodou ele. Então, estávamos num Botafogo e Flamengo, no corner... a Jovem atrás do gol.. E aí naquele negócio de torcida, a torcida do Flamengo começou a cantar Fúria Jovem filha da puta... Ei Fúria vai tomar no ... Aí falei – agora a gente virou torcida. E enquanto nego estava pensando – que sacanagem. Eu estava feliz, porque agora é o reconhecimento. Isso prova que a gente incomodou.

Antes era TJB bota a cara pra morrer...

Bota cara pra morrer, TJB veio aqui pra se fuder!! Coisas desse tipo... E o que teve pra TJB foi essa porra acabou, ficou assim. E o xingamento era todo pra Fúria. Aí eu falei – meu irmão, é o reconhecimento.

E os confrontos fazem parte desse reconhecimento?

Também, claro! Se tornou a número um. A torcida pra poder ser grande, nesse caso, nesse fenômeno, nós tivemos que dominar três coisas. Éramos mais inteligentes do que os antigos da Jovem do Botafogo. A galera gosta de novidade, e a gente trazia a novidade. Dentro dessas novidades a gente trazia coisas que eles não faziam mais. E a terceira infelizmente era a violência. Eles acabaram na base da porrada. Porque você bate em um, o outro já não volta mais. Se você bate em dez, eles não voltam mais.

E o que eles não faziam mais, tem a ver com a festa?

Como assim?

Você falou que nós fazíamos coisas que eles não faziam mais.

Festa, viagens, churrasco. Nego dizia – vamos hoje, sexta-feira. Tinha muito isso na Fúria. Aí levava o pessoal que tocava pagode, fazia uma roda de samba. Nego tomando cerveja, aí tu leva sua mulher, o ambiente é isso... A briga é uma consequência do seu agrupamento e não, a partir do momento que você tem um grupo... um grupo organizado que torce pelo Botafogo e um grupo organizado que torce pelo Flamengo, você tem a rivalidade em si. Mas aqui tem que estar forte, dentro do nosso grupo. Eu posso não gostar de você como pessoa, mas você é meu irmão de camisa e o que pegar pra gente pega pra todo mundo. E é assim que funciona e a Fúria trouxe isso de volta... Meu irmão, vamos fazer um churrasco? Vamos. Aí cada um bota cinco contos do bolso, cerveja direto... daqui a pouco o cara arruma um tumulto, briga com um paraíba... dá um tapa na cara do cara... depois acabou, mas é assim.

A sede na rua do Acre, vocês conseguiram logo?

O Cachorro que alugou.

O Cachorro é um dos fundadores.

É, no nome do Maurício, que é outro fundador também, que é dono de pizzaria, empresário.

A estrutura dos canis também, vocês que organizaram?

Nós que criamos.

Antigamente tinham os esquadrões?

Mas não funcionavam. Aí a gente deliberou um pouco mais isso daí.

Quando começou um pouco a ideia do esquadrão em outros Estados, como foi?

Eu posso até falar porque eu participei disso. Porque eu era do baile, então eu trouxe muita gente que era do baile pra torcida, que não tinha pátria. Tinha que crescer a torcida do Botafogo de qualquer jeito.

Qual era o seu baile?

Vários, tinha um circuito de bailes?

Eu era da galera da Cruz vermelha. Aí a gente ia pro baile do subúrbio, Madureira, Baixada Fluminense. Aí depois eu virei Mc.

Sério? Conseguiu emplacar Música na torcida?

Não, a música virou sucesso no Rio.

Já nesse momento você descreveu que a torcida começa a sair da Zona Sul e ir pra Zona Norte, que é o momento que o baile...

Que o baile toma conta. E aí acaba o amor. Tem isso também, porque o cara era Flamengo, aí vai vira Botafogo do dia pra noite. Esse foi um dos pilares dessa abertura. Mas não foi só do Botafogo não, foi de todas. Aí foi quando começou o pessoal daqui a deixar e passar pro subúrbio. Aí as torcidas se encontravam no baile, brigavam no baile. Aí a coisa começa a generalizar, depois vira um rendez vous que ficou nos anos 90. Às vezes era um inimigo do outro de torcida, mas era amigo de baile.

Como você explica isso? Era complicado.

E também a relação com o território. Morro tal contra morro tal?

Não, tinha morro, asfalto... Não tinha, essa época foi de 95 até 2001, 2002. Por exemplo, eu morava no centro, na Cruz vermelha, e brigava com o outro lado do centro, da saúde. Tem a comunidade da providência, Santo Cristo, Bairro da Saúde, Gamboa. Era inimigo mortal, de não poder atravessar de um lado pro outro. Quer dizer, o lado de cá é Botafogo, o lado de lá vai ser qualquer coisa menos Botafogo. Por que se não, como eles vão para o estádio? E aí o que tinha de lá que era Botafogo o pessoal daqui gostava. Aí o pessoal de onde eu morava era amigo daqui, porque eu morava aqui e brigava com Copacabana, que era o pessoal da Jovem do Flamengo, da Santa Clara, do Lido e do Leblon. Era assim, aí o Rio se subdividiu mais ainda. Os românticos dizem que isso acabou com a essência da torcida.

A territorialização?

Isso.

Por que nesse período mais antigo a TJB ia de 464, aquele ônibus... não era?

464 pro Maracanã. Não tinha nem carro. Quando aparecia um cara de carro esse cara sumia rápido porque o carro dele era tudo, né. Fazia transporte, pra bater nos outros era o carro dele... essas coisas. Então, não tinha carro, não tinha celular, não tinha dinheiro pra taxi. A gente tinha que botar um surdo, o bambu às vezes dentro do ônibus, quando não tinha dinheiro pra botar dentro da Kombi. Não podia perder o material, como você vai perder a tua pele.?

Você pegou a época quando as torcidas tinham salas no Maracanã.

Peguei.

Aí depois quando elas saíram vocês passaram a guardar na casa de ...

Na verdade nós não saímos. Nós fomos expulsos pela nossa própria sorte. Porque roubaram nossa sala. Aí roubaram uma vez, roubaram de novo. Roubaram tudo. Aí a gente tinha um clássico contra o Flamengo na outra semana, então tivemos que pintar trinta bandeiras em uma semana. Eles roubaram tudo.

Começou a ter a invasão das salas e ...

Roubaram todas as bandeiras, só não roubaram as principais. Essas ficavam guardadas na casa de uma pessoa que morava na ... acho que é rua Artur Menezes, passando pelo portão 18, o cara morava ali. A gente

guardava as principais bandeiras na casa dele, já o peso estava no Maracanã. Aí depois começou a guardar na casa dos outros.

E quando você começou ainda havia briga dentro do estádio?

Tinha, tinha.

Aí com essa territorialização isso começou a ser fora do estádio?

Não, tinha fora do estádio também. Mas pra Botafogo, como a gente se concentrava na Zona Sul, as brigas iam daqui até o Maracanã. Depois começou a ir pros bairros, quando a gente começou a expandir. O Vasco e o Flamengo sempre tiveram territórios fora, mas o Botafogo era só aqui, então todo mundo vinha pra cá. A concentração era aqui. Então, uma coisa fora era muito difícil.

E com a polícia, como era?

Na época não tinha GEPE. Era o 6º batalhão. Aí eu já não tratava muito dessa coisa, eu queria saber de estar lá no meio. Não queria saber de policiamento.

Quando tinha caravana tinha alguma escolta ou isso é mais recente?

Isso é mais recente. Só se você pedisse. Mas São Paulo, Minas é complicado.

E você foi até onde nessas viagens?

Fui a muitos lugares. Muito lugar! Fui sozinho a muito lugar. Os principais estádios eu conheço. O único estádio do Sul que eu não conheço é a arena da baixada, nunca consegui ir. Já fui a Londrina, pro Estádio do Café, tinha eu e mais três torcedores do Botafogo contra a torcida do Londrina toda. Os caras falando que iam matar, que iam fazer e acontecer... Tem uma história engraçada, eu já era Fúria, e ninguém queria ir, um falava – pra mim não dá. Eles queriam ir contra o Coritiba por que é jogo de churrasco, aquele blablablá. Então eu falei me dá aí que eu vou. Aí eu falei – vou traçar minha tática de guerra. Só tinha um ônibus pra Londrina, então eu falei – não posso ir nesse, porque se eles estiverem me esperando eles vão me ver chegando no ônibus Rio-Londrina. Eu vou no São Paulo-Londrina. Peguei o ônibus, fui pra São Paulo, metrô, terminal da Barra Funda, Londrina. Então, quando eu cheguei lá se tinha alguém esperando não me achou, pois eu vim de São Paulo. Segundo ponto, quando eu olhei a cidade achei uma coisa do Londrina na frente da rodoviária, aí eu falei – primeira coisa é achar um quartel general. Um hotel. Ai saí e fui fazer o reconhecimento de área, fui nesse lugar. Aí eu falei –amigão, onde é o estádio do Café, eu queria compra ingresso. Tem ingresso antecipado aí?

Aí ele falou – pô cara, acabou por que vai ter preliminar 19h entre Londrina e Atlético Mineiro. Aí eu falei – tem alguém da diretoria do Londrina aí?. Ele falou – tem. Aí eu – posso falar. Ele – pode. Aí eu falei – bom dia, meu nome é Gutenberg, eu sou vice-presidente da torcida Jovem do Botafogo e está chegando uma caravana do Coritiba de seis ônibus. A gente não quer arrumar problema com ninguém. A gente quer deixar os ingressos e a área reservada pra torcida do Botafogo. Aí o cara – que isso rapaz, tá vindo tudo isso mesmo? Eu falei – tá, tá vindo com o pessoal do Coritiba e eu soube que tem uma rivalidade. Então, se você puder deixar essa área reservada pra torcida do Botafogo você vai evitar problema. Ele – não, pode deixar. Aí ele já ligou pro cara – meu irmão, os ingressos estão separados, estão aqui. Aí eu falei – então aproveita e me dá o meu. Aí comprei o meu e falei – depois eles compram o deles, procuram vocês aí.

Caravana? Quem vai chegar? Só tinha eu, não vai chegar ninguém! Mas eu marquei meu espaço dentro do estádio. Fui pro hotel, tomei banho, já tinha feito amizade com o taxista... aí me uniformizei, casaco, calça e touca da Fúria. Na bolsa, o material, camisa pra vender e a faixa. Cheguei no estádio, aí perguntei –o local do Botafogo? O cara – tá ali, reservado. Subi e pensei – quando começar a preeliminar eu tenho que entrar pra não pegar o fluxo da torcida chegando. Quando eu cheguei, o estádio do café você sobe e depois desce pra arquibancada, eu olhei lá de cima e não vi ninguém do lado do Botafogo. Aí olhei o portão aberto e do lado do Londrina estava a organizada botando bandeira, mexendo na bateria. Aí eu falei – os caras vão me engolir. Aí eu perguntei – amigão, onde fica o policiamento aqui? O rapaz – lá em baixo. Quer dizer, eu tenho que descer pela arquibancada pra chegar lá. Ele – é, mas pode ir comigo que tá tranquilo. Eu falei – pô, ta tranquilo de que? O cara não tinha nada, nem um rádio. Eu falei – nego vai me comer na porrada e ainda tomar a faixa. Mas vamos descer, aí descendo a escada os caras olham pro lado aí eu falei – agora é a hora, mas eu não posso demonstrar que está acontecendo algum problema. Aí olhei pra cara deles também. Eles gritando – vai morrer. Eu gritava – tenta a sorte, o azar de vocês é certo. Mas eu acho que eles não viram o portão aberto, aí eu desci e fui no batalhão de policiamento. Aí conversei e contei a mesma história pro cara. Aí o cara –manda fechar o portão agora, cerca tudo... Aí fechou, cercou, e os caras gritando –vai morrer! Eu falei –mata aí, pô. Aí foi chegando a torcida do Botafogo, três pessoas.

Aí nós assistimos o jogo, e, nisso veio um cara. Chegou um cara, um japonês, um maluco com a camisa do Londrina e um de camisa do Atlético Paranaense. Aí eles – pô, a gente pode falar com você. Eu – pode, fica a vontade.

Aí o policial – mas vai deixar passar? Eu – pode, deixa passar. Não tinha ninguém, eu que mandava. Pode deixar passar. Aí passou – eu sou o Japonês, eu sou diretor de arquibancada da torcida do Londrina. Aí eu – pode falar... Ele – não, a gente ficou sabendo que o pessoal do Coritiba tá vindo com vocês aí. Aí eu falei – olha, o pessoal tá vindo, mas isso aí não significa que a gente seja inimigo de vocês. Eles são nossos amigos

e vocês também podem ser nossos amigos. Ele: é – mas a gente não cola com eles. Eu falei – cara, mas isso não tem nada a ver uma coisa com a outra. A gente é amigo da Gaviões da Fiel e tu não é amigo deles também. Aí o cara começou a ficar sensibilizado, porque é aquela coisa do Rio-São Paulo. Os caras tem fanatismo pela gente. Então, eles acharam que eu ia chegar lá – meu irmão, não sei o que... Aí eu falei – eu vou demonstrar que a gente não tem raiva de ninguém. Aí meti a mão na bolsa – toma uma camisa pra você. Meu irmão, o cara pegou a camisa e parecia que ele tinha ganhado na mega sena da virada. Aí tinha um moleque que disse – bota a outra camisa por cima, tampa essa camisa. Por que o cara estava com a camisa do Fanáticos do Atlético Paranaense, que é inimigo da gente. Aí veio outro – quer ajuda aí. Eu falei – pode continuar amarrando a faixa aí então. Os caras foram lá, amarraram a faixa e tudo. No gol me chamaram de macaco, foram me xingando. No final do jogo veio um, atravessou, soltou a faixa junto comigo. Eu com medo deles puxarem, aí estava fechado o portão, ele não ia conseguir passar do portão. Aí fecharam – aí obrigado, boa sorte. Aí eu pensei – cara, tem esquema nesse negócio e eu não vou dar mole não. Voltei lá no policiamento e falei – meu irmão, tô precisando sair, os caras falaram que vão me pegar lá fora.

-O que? Ele ligou, mandou o taxi parar dentro do estádio. Entrei dentro do taxi, peguei a camisa dei pro policial. O policial – pô valeu, obrigado. Aí eu fui embora pra casa. Quer dizer são coisas que você tem que fazer. Se não você não sobrevive, fora outras, mas essa aí foi engraçada.

Bom, nesse caso o policial te ajudou, mas as histórias são que tem pedágio, tem vários problemas nessa relação com a polícia de outros Estados.

Mas isso, é o que eu estou te falando. É a liderança que vai saber te falar. O que acontece, eu apesar de ser líder, eu nunca fui presidente, eu nunca fui... então eu nunca tive esse contato. Eu era líder da massa, eu não era líder para as autoridades. Então, eu não tenho muito que contribuir com isso. Sei que existe, diziam que tinha que pagar um valor pra você receber um tipo de escolta. Se não pagasse... Isso a gente houve falar. Mas certeza, certeza... não posso dizer. Até porque eu nunca peguei dinheiro do meu bolso pra pagar.

E essa amizade com o Coritiba é antiga?

É antiga, Império Alvi-Verde.

Quando você entrou na torcida já tinha?

Já tinha amizade com o Coritiba.

Teve um jogo, não sei se foi na arena da baixada. Mas a torcida do Botafogo brigou com a do Atlético.

Entrou pela torcida do Atlético. Eu não fui nessa caravana. Eu estava em São Paulo fazendo eleição sindical, em Pindamonhangaba. Aí quando acabou o jogo, acho que foi numa quarta feira. Aí na quinta eu estava vindo embora e encontrei com a galera na estrada. Deu correria, aí eu falei – nego tá fazendo merda. Aí eu via a torcida já em São Paulo. Eu sei das histórias porque as pessoas contaram que teve briga, que entraram pelo lado da torcida do Atlético. Aquela coisa, entraram querendo. É o que eu te falei, o pessoal gosta muito. Gostava muito, gostava de briga.

Não gosta não?

Não. Hoje em dia as pessoas gostam de se matar. As pessoas não têm ideologia. A gente gostava de briga, mas a gente tinha ideologia. Aí você vai falar, mas ideologia de briga... Era. Era uma ideologia, a gente defendia aquilo porque a gente achava que o Botafogo era a coisa mais importante na nossa vida. Hoje em dia o cara sai de casa pensando em matar o outro, é diferente.

Uma coisa é você chegar no estádio – vamos entrar por aqui, aí vamos pegar os caras. Pra que? Pra mostrar quem a gente era. Outra coisa era sair de casa assim – tô com meu armamento aqui. Vamos metralhar ônibus. Vamos matar, tirar a vida dos outros. Isso é outra coisa. Isso aí é bandidagem.

E existem muitos policiais na torcida?

Tem, tem tudo quanto é tipo de gente. Hoje em dia... as pessoas antigamente se camuflavam, mas hoje em dia... Olha, tem juiz, hoje já não participa mais, mas já participou. Tem advogado, tem procurador, tem polícia, tem pastor, tem viado, tem puta, tem sapatão. Tem tudo. Eu costumo dizer, tem um amigo meu das antigas, o Petu, e eu tenho maior respeito por ele. Eu converso com ele – cara, nós que somos de torcida organizada temos que ser estudados, porque nosso perfil é totalmente diferente. Nós somos o tipo de pessoa que estamos aqui, numa reunião e se a gente tiver que surtar a gente vai surtar, mas o cara acha que a gente não é. Mas a gente viveu isso. Todo cara que viveu torcida organizada dos anos 80 até a metade dos anos 90 tem problema psiquiátrico. Pode pegar todos eles. Já viu o Zé Maria como fala – dudududu. Não é normal um cara desse. Você vê que o Nói já é mais devagar, o Frajola é mais tranquilo. O João também viveu essa época, mas se tu puxar daqui a pouco ele começa a surtar. As pessoas surtam, tem coisas que a gente surta... grita, xinga. Aí tu fala – pô, o que aconteceu cara? Aí tu para a mão na consciência. Parece que tu conversa com você mesmo, o que você está fazendo? Aí você volta ao normal. É sério. Você pode pegar todo cara que participou ativamente, não o figurativo, tem problema psiquiátrico sério. Só que é um problema que... tem uma coisa diferenciada. Ele não pensa igual aos outros. Ele tem reações altamente divergentes. Às vezes está em casa e briga com os outros à toa. Tá falando e daqui a pouco se estressa. É o cara que está com a mulher – tá olhando

pra minha mulher por causa de que? Já deu uma porrada. Ele não vai perguntar, ele já deu. Tá pensando que eu sou babaca, é o dono do mundo, acha que é o mais forte do mundo. É sério.

A torcida é essa sensação de poder, da força...

É verdade. Eu posso mais que os outros... E isso fica. Hoje em dia eu abomino violência. Não gosto, não participo. Mas tem coisa que eu não posso fazer, eu não saio de casa. Às vezes eu estou andando, aí passa um cara com a camisa da Jovem do Flamengo e eu começo a acompanhar, vou acompanhando, vou olhando e o cara nem sabe que eu existo. Deve falar – pô, o que esse gordo tá me olhando. Aí eu vou olhando, aí me pergunto – por que eu tô olhando de cara feia? Eu falo comigo mesmo. Pra que eu tô olhando pro cara de cara feia? Isso aí acontece.

É a raiva daquele período, daquela época.

Teve até um fato. O Zé Maria falou – vai lá no Flamengo. Eu não tenho coragem de entrar no Flamengo, não tem como. Tenho que até ligar pra ele depois pra dizer que eu não vou entrar no Flamengo. Mas tem que contar de outra forma pro cara não ficar magoado.

E a rivalidade em geral a gente associa a Vasco e Flamengo. Mas as narrativas são todas TJB e Flamengo...

Não. A gente viveu... Olha, eu não sei nem como eu falo com o Zé Maria. Por que a gente viveu nossa infância toda de rivalidade de Zona Sul. De Botafogo e Flamengo era...

Teve uma notícia que até saiu no jornal. Um incidente que era no baile do Jardim Botânico. Teve um ônibus que passou pelo Rajah...

Não, o ônibus foi alvejado na Praça do Jockey e foram no Hospital e bateram nos caras que chegaram no hospital feridos. Aí foi preso, um dos acusados até já faleceu, o Cabeça.

E esse momento de você ir ser advogado e agora se somar a essa ideia de federação de torcidas, apesar de toda essa dificuldade de ter um diálogo? De romper essas barreiras. Como foi essa ideia, como você aceitou?

De repente você vai pensar que é brincadeira. Mas mesmo que não tenha tanto conhecimento, a torcida organizada dos anos 80, quando era praticamente formada por torcedores da Zona Sul, por pessoas que tem mais conhecimento.... essas pessoas pararam, então viam o mundo de outra forma. Gosta daquela coisa da

adrenalina. Tipo, eu estou com minha filha, com minha mulher em casa comendo uma pizza, eu não fui mas pego o telefone e ligo –como vocês estão, aconteceu alguma coisa, teve briga em algum lugar? Você pergunta, você tem isso. E o que acontece/ Essas pessoas que estão hoje e que fazem parte da diretoria da FTORJ, Zé Maria, Gustavo, Frajola e o João, vieram dessa geração. Tirando o Gustavo que é mais novo. E são pessoas que se tu parar pra conversar tem uma boa índole. O João faz MBA na IBMEC. O Zé Maria é fisioterapeuta, eu sou advogado, o Gustavo é empresário, o Frajola trabalha com vídeo, áudio, faz programa de rádio. Não são pessoas ignorantes. Ignorantes no sentido de não ter conhecimento. E a gente estava falando que nós temos que resgatar o que a gente perdeu. Que era esse amor que a gente tinha antigamente, essa ideologia que todas tinham. A Jovem do Flamengo tinha a ideologia lá, eles batiam na cabeça, cruza braço, marchavam. Mas era a ideologia dos caras. A gente tinha o negócio da cachorrada, mas era nossa ideologia.

Se chegar para um componente hoje e falar assim... e eu já fiz essa pergunta pra muitos. Aqui tem uma bandeira e eu dou na sua mão, a torcida do Flamengo está vindo ali, o nosso pessoal vira e corre. Você abandona a bandeira, você leva a bandeira com você ou você apanha com a bandeira? Eles respondem – eu jogo a bandeira pro alto. Eu não, eu morro com a bandeira. Pode até me tomar, mas entregar não. Já não tem mais essas coisas. Se você fala assim – vou a um jogo quarta feira, nove e quarenta da noite, eu tenho que ir porque não vai estar ninguém do Botafogo. Eu tenho que ir, se eu não for quem vai? Não vai estar ninguém. Então eu tenho que ir, se não ninguém vai. E hoje já não tem isso. Eu vou se eu ganhar o ingresso, eu vou se eu tiver uma moral. Palavra que eles usam muito, moral. Mas não tem essa coisa mais. Aí a FTORJ veio pra tentar trazer isso de volta para as lideranças, porque a FTORJ não é uma associação para os componentes, ela é para as entidades. Onde a gente tem um pouco de dificuldade ainda, mas foi criada para trazer direitos para as entidades, para que elas passem para os associados.

Eu sou advogado, eu não vou sair de casa pra defender a Força que brigou com a Young Flu. Eu não vou. Mas se a Força tiver um problema de ingresso, de entrada de um componente, onde compraram, fecharam a roleta... a FTORJ tem que atuar. Essa é a intenção da FTORJ. Ela veio pra tentar... Por exemplo, vai ter um encontro com o responsável pelo JECRIM do Maracanã. Eu ontem, na reunião, falei – meu irmão, tem que criar um projeto contra. A gente só tem dever? Direito nenhum! Qual projeto? Aí eu falei – meu irmão, vamos fazer um projeto pedindo pra instituir o Juizado Especial Cível. Por que não compra coca cola fora da validade, hambúrguer estragado, o banheiro não tá... Tem que botar na justiça também. Então, a FTORJ vai apresentar esse projeto, do Juizado especial cível. Por que só o criminal? Quer dizer, o estádio é lugar só pra bandido. Quer dizer, eles falam não pode urinar na rua, mas qual o banheiro que tem pra você urinar? Você urina onde? Na roupa.?

Então, você tem que lutar pelos seus direitos. E a FTORJ vem com esse intuito. O intuito de ser a voz, já que nós não temos problemas com briga, a gente não vai estar envolvido em briga, em confusão, a gente tem uma vida diferenciada. A gente que eu digo eles, eu só ajudo no lance jurídico. Ela vem com esse intuito, de que os direitos das entidades sejam revistos. A Globo ganha milhões em cima das torcidas organizadas, e aí eles vêm mostrando um projeto pra acabar com as torcidas organizadas. Pega a propaganda da Sky.

Qual o projeto?

Não, eles fazem inúmeros projetos marginalizando a coisa e usam as imagens. Então, não usa porra. Bota o Maracanã cheio de gente batendo palma sentado. E aí a FTORJ vem tentando lutar pelos direitos deles.

E como foi o processo, eles te convidaram?

Eles marcaram uma reunião.

Você já tinha falado com o Zé Maria antes?

Não, tá doido.

Frajola?

Nunca tinha ouvido falar. Aí eles marcaram uma reunião. Eu não sabia, estava afastado, mas só que chega o peso da camisa. O Flamengo tem o Zé Maria, o cara que tem a história dele. O Fluminense tem o Frajola, mas tinha uma outra galera que ia junto que tinha o peso. No Vasco era o João, mas o presidente da Força estava. O Botafogo não tinha ninguém pra contar a história. Aí tiveram que chamar quem? O Kunta.

Aí eu fui numa reunião. Quando eu cheguei lá, eu vi todo mundo lá e falei – é pra participar dessa palhaçada aqui pra que? Eles – não, queremos fundar não sei o que... Aí eu sei que no outro dia eu já estava organizando o troço. Aí acabou que eu fiz o estatuto, montei a... quando digo eu é todo mundo, tá? Não que seja eu, mas que eu já estava já no cérebro da coisa. Eu, o Zé Maria, o Frajola, o João, o Gustavo, o Fábio, é outro advogado que trabalha com a gente. Sentamos e começamos a trabalhar nisso. Era reunião no meu escritório, era reunião no escritório do Fábio, reunião no Amarelinho. Monta aquilo, conversa daquilo. Só que o Zé Maria estava e eu não colava com ele, por causa de coisas antigas que aconteceram. Eu falei – bicho, pra poder andar com você a gente vai ter que conversar sobre um assunto. Aí conversamos, ele me explicou a versão dele. Eu saí da reunião, fui na casa do amigo meu que teve o problema, conversei com ele, pedi uma permissão pra poder falar com o Zé Maria. Hoje em dia eu digo – o Zé Maria é melhor do que muita gente que estava do nosso lado. É muito gente boa mesmo.

Quebrou essa resistência que tinha?

Quebrei. O pessoal fala que eu sou bom demais, babaca, tá confiando em alemão. Aí eu falo –que alemão, cara? Tem gente que não gosta dele até hoje. Tive meu noivado e nem pude chamar o cara. Eu falei – meu irmão, não tenho condição de te convidar pro meu noivado. Que eu vou desagradar os convidados e a você.

A atual TJB não aderiu a FTORJ, seria em função disso?

Não é... é que os caras tem um pensamento assim, entendeu. Eles pensam – vou sentar do lado dos caras, Flamengo, isso aí não adianta porra nenhuma. É tudo picaretagem.

E você foi desconfiado?

Não, eu não fui desconfiado. Eu gostei do projeto, mas eu não me via sentado do lado desses caras. Eu vivi a vida toda longe desses caras, era inimigo. E estar sentado do lado, tomando coca cola, comendo pizza, é complicado. Mas aí com o tempo foi passando, a gente foi tirando nossas diferenças. Tudo na conversa resolvendo. Aí acabou o problema. A gente conseguiu trazer o respeito de todas as organizadas do Rio pra gente. Porque são pessoas...eu não participo mais ativamente, mas o respeito fica. O saci pererê não morre, a lenda continua. Então, quem é que está lá? É o Kunta. Quem é esse cara? Kunta, pô, que fundou a torcida. Não sei quem é não. O cara foi... Ah, então tá bom.

Entendeu, mesmo que a pessoa não te conheça hoje, ela vai procurar saber quem é. E aí quando houve o lado bom da coisa nego respeita.

O estatuto do torcedor, você como advogado e como torcedor, o que você...

Eu acho que ele é bom, mas acho que é muito politizado. Ele poderia ser melhor elaborado. Ele tem muito dever, não tem direito. O estatuto do idoso dá o direito do idoso de andar no ônibus de graça, preferência em fila, pra aposentadoria. O que o estatuto do torcedor dá para o torcedor?

Punição, né.

Só punição. Diz que vai, que faz e acontece, mas tudo isso em troca de lucro. Foi o que eu falei, é proibido vender bebida num raio de 2 km do Maracanã. Aí eu vou fazer o que? Vou beber suor. Monta quiosque do lado de fora vendendo pelo menos água. Então, pra mim é letra política. Letra pra fazer pra minha mãe. Aí a pessoa –ih, tá vendo a torcida organizada, um montão de vândalo mesmo, tem que proibir, tem que prender.

Eu estava na discussão do artigo que elas lançaram lá. Eu fui na reunião com o ministro. E eu discuti com o cara lá na mesa porque ele falou assim – não, mas a responsabilidade é objetiva. Aí eu falei – meu irmão, se a responsabilidade é objetiva todo mundo responde. Por que ela é objetiva? Ela tem que ser subjetiva. Você

tem que responder mas não pode ser diretamente culpado. Você tem o direito de dizer se você é culpado ou não. Ele disse – não, não funciona assim. Aí eu falei – então, vou pegar meu diploma e jogar fora. Vocês estão dizendo que a responsabilidade é objetiva, você sabe qual o significado de objetivo? Subjetivo, não. Subjetivo pode ou não pode, deve ou não deve. Você está dizendo que é objetiva, se você tacar uma pedra e eu sou presidente da torcida, eu sou preso. Por quê? Por que é objetivo. Tem que ser subjetivo, você tem que saber se o cara... porque ele é responsável pelo seus atos. Você tem que saber se eu como presidente da instituição levei alguém a praticar aquele ato. Não posso responder. Quer dizer que se um cara for preso no morro traficando com a camisa da minha torcida eu vou ser preso. Aí ele vem – você estava envolvido com tráfico de drogas. Por quê? Por que o cara estava traficando lá no Dendê.

Esse talvez seja o ponto mais delicado para as torcidas. A incriminação dos líderes por qualquer ato de seus membros. Esse talvez foi o ponto do estatuto que mais chamou a atenção.

Que mais chamou a atenção das torcidas.

È como alguém querer incriminar a Patricia Amorim se alguém com a camisa do Flamengo faz alguma coisa.

Mas eu falei isso. Eu falei – cara, o Marcio Braga, presidente na época, deve ser convidado a ir a delegacia todo dia. Por que o Flamengo é quem mais aparece.

E em nível nacional existe alguma possibilidade de também... a FTORJ é uma realidade no Rio de Janeiro e você acha que isso pode partir dessa relação com a Gaviões?

O grande problema é o ego. Aqui no Rio de Janeiro as coisas só se resolveram porque foram montadas por pessoas que não participam mais ativamente e não tem ego. Quem participa disso tem ego –ah, o Gaviões não pode ficar atrás das Independente. Mas o presidente da associação em São Paulo vai ser quem? Vai ser Mancha Verde. Entendeu? Enquanto não acabar o ego, mudar a visão. As pessoas são muito bitoladas, não tem conhecimento pleno do que estão falando e do que estão fazendo. Aí fica complicado. Teve um seminário, eu fui e expliquei pra todos eles. Falei – gente, a FTORJ foi criada assim pra quê? Pra que vocês em cada Estado, em cada região fundassem uma federação. Porque você está se articulando politicamente e juridicamente. A FTORJ tem CNPJ, tem estatuto, a FTORJ tem tudo. Então, se a gente quiser participar de qualquer coisa, a gente vai participar. Se a gente quiser fazer uma ação civil pública a gente pode fazer. Não é simplesmente pegar um grupo e fundar uma confederação, pois juridicamente não existe. Mas o processo é lento, então

começa com as coisas de fato. Faz uma federação de fato, vamos votar a gente aqui. O jurídico é você que cuida, o advogado que vocês contratarem. O de fato é aquilo, vamos manter uma ordem e vamos fazer. Vamos conversar como se existisse. Porque é de fato. E vai se organizando aqui no jurídico. Quando organizar no jurídico a gente vai embora.

E aí você monta uma federação no seu Estado, ou junta dois, três quatro Estados e formam uma federação. Juntando essas federações você monta uma confederação. Aí você pode chegar pro governo federal, pra administração pública e mostrar o seguinte –aqui, nós somos organizados, nós temos cnpj e vocês vão rasgar a lei, não vão nos ouvir. Mas eles não olham dessa forma, aí é difícil.

Um outro ponto que talvez possa servir de união e contornar esses egos é o fato de que a Copa de 2014 tem colocado a reforma dos estádios e o aumento do preço dos ingressos que serão quintuplicados. Como a FTORJ pode atuar nesse sentido?

Mas Bernardo, esse é um problema que eles não enxergam. Eles são massa de manobra do governo federal. Eles não enxergam isso. Cara, vai chegar um ponto que vai acabar e depois vai voltar. Mas quando voltar, já volta sem essência nenhuma.

O que vai acabar?

As torcidas organizadas.

Com essa elitização.

Vai acabar. O Hans Donner vai lá, faz um desenho daquele bonito e acabou. Só que é importante pro espetáculo, porque isso vende imagem. Teve um jogo agora, Internacional e Mazembe, pelo Mundial. O José Blater teve que contratar os caras do Mazembe pra ir pra Abu Dhabi pra fazer o carnaval. E é o que vai acontecer aqui, só que aqui é diferente, e as torcidas não acordaram pra isso.

Isso tem enfraquecido as torcidas Jovens em geral. Agora a gente tem tido um fenômeno recente que é o surgimento de novas torcidas com um perfil mais classe média.

É a Zona Sul voltando a estádio de novo.

Urubuzada...

Legião tricolor, Loucos pelo Botafogo, Guerreiros do Almirante.

Que segue esses princípios de não pode falar palavrão.

Pode até se falar mas o intuito é incentivar o clube. Vai em todas essas e procura saber quem são os seus integrantes. São todos de antigas torcidas jovens que gostavam daquela coisa e que fundaram. A Urubuzada, o Vitinho, é dissidência da RRN, que é a maior torcida organizada do Flamengo. Só que os caras perderam a essência do que é torcida organizada. Se faz ou se não faz... mas se você sai de casa com o intuito de matar, com o intuito de não sei o que. Eu não vou ficar junto com bandido do meu lado. Eu sou velho, então eu não brigo com ninguém, mas eu gosto de ir ao jogo e pegar o telefone pra saber o que está acontecendo. Então, eu volto ao estádio de uma forma mais tranquila, participo, fico em pé... o cara que fica atrás passa mal porque eu não vejo jogo sentado. Já é o costume de ficar em pé, eu fico os noventa minutos em pé.

Eu costumo falar pra minha noiva –eu sou um cara mal educado. Eu vivi 17 anos da minha vida dentro de um estádio de futebol, como você quer que eu assista uma partida de futebol quieto? Agora que eu estou conseguindo assistir uma partida de futebol no barzinho, porque se o cara valar mal do Botafogo dá vontade de voar no pescoço dele. Eu não estou acostumado com isso. Então, o cara volta pro estádio, e volta naquela coisa de querer incentivar. Com a visão que ele tinha no passado sem a violência.

Mas quando você fala que a torcida organizada vai acabar, a gente vê que ela está adquirindo uma nova forma.

Tem muita gente boa envolvida com torcida organizada ainda, só que eu acho que as autoridades tem que olhar, não no sentido de fazer uma maquiagem igual fizeram em São Gonçalo. Eu fui até advogado do pessoal do Vasco. A ideia era prender todo mundo. Os caras prenderam a vítima que apanhou. O cara falou – você apanhou, está preso. O outro que foi baleado também foi preso. Faz um negócio legal, eles sabem que é. A policia não sabe quem é quem? Mas não tem interesse em fazer isso.

Eu não defendo bandido. E eu sei o que aconteceu lá. Eu conheço o problema de perto, eu já tinha saído do caso quando aconteceram essas prisões. As primeiras prisões ocorreram por causa de uma tentativa de homicídio, a juíza colocou assim. Na situação, um rapaz da torcida do Flamengo... os caras da torcida do Vasco tinham acabado de ser metralhados pela torcida do Flamengo. Passou um carro e metralhou todo mundo, morreu um e vários feridos. Foram pro hospital, todo mundo em estado que choque. Me passa um dos caras que andam com os que deram tiro nele, o que os caras fizeram? Entraram dentro do cara no hospital e bateram nele, mas bateram uns dez segundos, tem a filmagem. Saíram do hospital, a policia chegou prendeu todo mundo e autuou na tentativa de homicídio. Até aí tudo bem, é a visão de cada um. Agora a juíza não soltava, mantinha preso dizendo que eles eram bandidos, que eram não sei o que... Mas não parava pra ver o que tinha acontecido

momentos antes. O crime do menino do Vasco que morreu, dos baleados até hoje não tem nada. Então, não pode ser assim. Ah, mas a juíza tem perseguição com torcedores do Vasco. Não pode ser assim.

Os caras ficaram sete meses presos por uma coisa que no meu entendimento... tem coisa bem pior que nego bota na rua. Além dos que estavam presos, mandou prender os baleados, essa vítima que apanhou e outros que estavam sendo acusados de ter baleado. Então, a coisa tem que ser séria. Você fazer pra mostrar pra sociedade é uma coisa. Você tem que fazer o negócio sério –você não são empresa? Então, como vocês então com o Fisco? Vocês estão pagando o Fisco direitinho? Ah, não. Então, tem que pagar. O espaço de vocês é esse aqui? Então, dentro da marca de vocês tem que ter o direito de vocês ocuparem esse espaço, de fazer a propaganda de vocês. Eu acho que deveria ser assim. Já que a coisa modernizou, deveria ser assim. Se você foi pego em briga, você vai responder no JECRIN. Agora, se você dá tiro nos outros, você mata os outros e aqui não é lugar pra matar pessoas. Estádio de futebol não é lugar pra matar pessoas. Se teve uma briga ele tem que responder pela briga. Agora, o cara foi lá em Caxias, deu tiro nos caras... tá na essências?

Na sua concepção como deve ser a relação da torcida organizada com a direção dos clubes?

Eu acho que tem que ter o respeito.

Esse é um dos alvos das críticas da imprensa.

Tem que ter o reconhecimento, mas você não pode ficar na mão deles.

A Fúria ou a TJB teve ou tem relação dentro do Botafogo?

Tem. Aí é complicado.

Você é sócio do Botafogo?

Sim. Aí é complicado porque recebe vantagens do clube. O clube foi feito pra torcer e nós somos a voz das arquibancadas e estamos aqui pra protestar. Pode falar mal de mim... se eu sou o presidente da torcida, eu dou a cara a tapa. Cortou o ingresso, a gente tem direito a ingresso do clube? Tem. Você cortou nosso ingresso por quê? A gente quer comprar mais barato, tem como facilitar? Isso é uma coisa. Outra coisa é – toma aqui uma carga de ingresso, toma aí um negocinho. Porque eu represento o povo, a torcida organizada é a voz do povo na arquibancada. Se você não é comprado, você tem que protestar sim. Porque quando é quarta feira à noite tá todo mundo na Sky vendo o jogo e você está lá no estádio debaixo de chuva.

Mas a torcida tem um papel político.

Mas a torcida é burra. Quando a gente fundou a Fúria, se eu ainda estivesse lá, todo mundo tinha que ser sócio do clube. Torcedor é uma coisa, sócio é outra. Se a gente é sócio do clube, a gente está no conselho, bota chapa, vira presidente.

Como a Gaviões fez um pouco, no Corinthians?

Mas não é interessante. Não tem essa visão, é a visão do bom, bonito, barato e fácil.

O horário de jogos, quem pauta...

Mas como você vai brigar contra a Globo.

É o grande desafio.

Daqui a pouco os jogos vão ser só no horário da televisão.

Quarta feira, meia noite. Sem transporte.

Mas só que a própria imprensa, os próprios organizadores não pararam pra analisar que a torcida organizada é importante pra o espetáculo. O problema é que eles não veem isso. Aí vai contratar torcedor organizado. Não é a mesma coisa. Os caras veem, vou falar do flaxflu, um lado todo colorido, cheio de pompas, de perfume, lantejoulas. Do outro lado, aquele negócio negro feio, mas é uma beleza que... Você vai no Maracanã lotado, Botafogo e Flamengo... aquelas bandeiras no bambu, faixa tremular. Requer um trabalho. Não são os donos do espetáculo que montam aquilo. Eles vão contratar pessoas pra fazer, mas não vai ficar a mesma coisa.

Vão chamar vocês de novo.

Aí vão ter que me chamar de novo, pra tentar resolver isso aí. Eu acho, mas isso é o que a gente pretende fazer com a FTORJ. Tentar mostrar pro poder público que tem jeito pra resolver a coisa. Só que você tem que moralizar, como moralizaram. Quando quiseram acabaram o a briga no Maracanã. Tem briga? Não tem.

Mas tinha antes por quê? Três quartos do estádio ficavam pra torcida do Flamengo, um quarto ficava pra Vasco, Botafogo e Fluminense. Que é a rampa do esqueleto. O resto é toda habitada pela torcida do Flamengo. Os arredores é ocupado pela torcida do Flamengo. Na UERJ, não tem bar, não tem nada. Você fica ali ilhado. É uma ilha. Um pouco de torcedores cercados por flamenguistas por todos os lados. Então, se aqui é a área reservada pra outras torcidas por que a torcida do Flamengo passa por aqui. Se passa por lá não vai ter briga, mas eles deixavam passar por aqui. É fácil resolver o problema, basta querer. Isso eu te digo de mente aberta. É fácil, mas vai mexer no bolso e complicar muita gente.

